



11 ANOS: UM ESTUDO SOBRE AUSÊNCIA E MEMÓRIA

LUZ, Johnny

Universidade Federal de Rio Grande - FURG

Associado/a/e ANPAP - Não

RESUMO

A videoarte "11 Anos" reflete sobre memória, ausência e invenção afetiva, partindo da morte do pai do autor. A obra questiona como nossa imaginação é capaz de criar memórias e como o corpo guarda rastros, heranças e gestos que podem ser reais ou imaginados. Inspirada em teóricos como Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur e Judith Butler, aborda a memória como construção subjetiva e social, onde lembrança e fantasia se misturam. A partir de uma foto desfocada do pai, sons fragmentados e silêncios, a obra cria uma experiência sensível do tempo, propondo que até a ausência pode se transformar em presença poética e afetiva.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Ausência. Corpo. Imaginação. Videoarte. Luto.

1. 11 ANOS

"11 Anos" é uma videoarte que mergulha nas bordas da memória, questionando não só como lembramos, mas também como o corpo, com toda sua sensibilidade carrega experiências que, por mais estranho que pareça, talvez nunca tenham acontecido de fato. A obra lida com a ausência e a presença, com o que foi vivido e o que não foi, com as histórias que criamos para dar conta do vazio e com a fantasia afetiva que sustenta quem somos. É um trabalho que escuta com delicadeza o que nunca foi dito, tentando mostrar aquilo que, mesmo sem ter acontecido no mundo real, nos marcam de forma profunda.

A ideia nasceu a partir de uma data carregada de significado: o aniversário de morte do meu pai. Ao olhar antigas fotos dele — especialmente uma de quando ele era adolescente — me dei conta de que a imagem que guardo não é de um pai real, daqueles do cotidiano, das conversas e convivências, mas sim de um pai "inventado". Um pai feito de fragmentos de memórias, silêncios, suposições e espaços vazios. Ele é real e ao mesmo tempo não é. Está presente, mas como um fantasma feito de saudade e imaginação.

Essa percepção mexeu comigo de um jeito sutil, mas definitivo. Afinal, como se guarda na memória alguém que não se conheceu de verdade? Que tipo de lembrança é essa, feita de pedaços, de ausências herdadas, de gestos que talvez nunca tenham acontecido, mas que a gente acredita como se fossem nossos? Essas perguntas foram o ponto de partida — conceitual e sensorial — para a criação de "11 Anos".

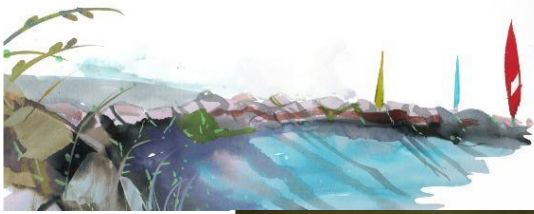


Imagem 1: Frame videoarte 11 anos, 2025. Digital, 6,2cm X 10cm. Imagem do autor.

Corpo, memória e o que não se vive

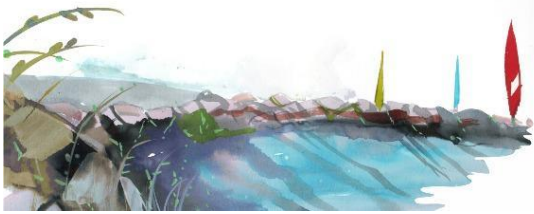
Um dos pilares da obra é a ideia de que o corpo é um arquivo. Um corpo que guarda não só o que foi vivido diretamente, mas também o que foi herdado, imaginado, passado por meio de afetos, contextos sociais, genética e símbolos. A memória, nesse sentido, não mora apenas na mente, ela vive no corpo. Está nos músculos, nas vísceras, no ritmo da respiração, na forma como a gente se movimenta, nos gestos que fazemos sem perceber. O corpo é como um terreno onde o tempo se escreve em camadas: o tempo vivido, o herdado, o inventado.

Pesquisadores como Rebecca Schneider, no livro *Performing Remains* (2011), e André Lepecki, ao falar sobre dança e performance, defendem que o corpo guarda rastros. Ele repete, retorna, insiste. O corpo carrega o que se perdeu — ou até o que nunca existiu. É uma espécie de fantasma material, onde a memória do outro (do que foi ou poderia ter sido) aparece no meu eu de agora. Essa forma de ver o corpo foi essencial para o processo criativo da obra.

Nesse caminho, comecei a reparar no meu próprio corpo como um vestígio. Havia gestos meus que pareciam ecos do meu pai. Um jeito de cruzar os braços, um tipo de sorriso, uma inclinação da cabeça — gestos que talvez tenham sido dele, do meu pai, mesmo que eu nunca tenha reparado ou tido essa percepção. Talvez sejam fantasias, ou heranças genéticas, repetições que nem percebo. A obra nasce dessa sensação: a de que a memória também é invenção, mas uma invenção que tem peso, que pode mudar nosso jeito de viver e de estar no mundo.

A memória como construção social e subjetiva

"11 Anos" também se apoia nas ideias do sociólogo Maurice Halbwachs, que defende que a memória nunca é algo só individual. Nossas lembranças estão sempre ligadas a relações sociais, afetos e símbolos. A gente não lembra sozinho: lembrar passa pela linguagem, pela cultura, pelas emoções que herdamos dos outros. O que a gente



lembra — e como lembra — é influenciado por costumes, histórias contadas, silêncios, e até por aquilo que nos foi ensinado a esquecer.

O filósofo Paul Ricoeur, no livro *A Memória, a História, o Esquecimento* (2000), acrescenta que toda memória é, em alguma medida, uma reconstrução. Para ele, lembrar é sempre interpretar — e muitas vezes, inventar. A lembrança pode conter uma fantasia, mas ainda assim ser verdadeira no plano do afeto. “11 Anos” se move nesse espaço ambíguo, onde o que é imaginado não vale menos que o que foi vivido, porque sua verdade está no sentimento, e não em provas concretas.

A videoarte propõe que mesmo as memórias inventadas têm valor como experiência sensível. Aquilo que nunca aconteceu, mas foi intensamente imaginado, pode fazer parte da nossa memória como se tivesse sido real. Nesse sentido, lembrar é também criar, é imaginar, é construir um espaço entre o que passou e o que a gente desejava que tivesse acontecido.

Tempo, imagem e estrutura poética

“11 Anos” parte de uma única fotografia do meu pai, ainda adolescente. o qual eu nunca cheguei a conhecer essa versão do meu pai. Essa imagem é o ponto de partida da obra, sua matéria-prima. Ela aparece desfocada, imprecisa — como uma lembrança nebulosa que insiste em não se deixar ver por inteiro. Aos poucos, o foco tenta se ajustar, mas nunca completamente. Sempre resta uma névoa, uma distância. O que vemos é só um pedaço, um vestígio flutuante, como se o tempo tivesse apagado parte dos contornos.

A imagem vem acompanhada por um trabalho sonoro cuidadoso. Tudo começa no silêncio — um silêncio pesado, quase sufocante. Depois, surgem sons diversos: ruídos, respirações, frequências. Como se algo começasse a surgir ali, uma presença tentando se fazer ouvir ou uma memória tentando se fazer presente, Mas o som nunca se firma totalmente — ele vem aos pedaços, em fragmentos e dissonâncias, como ecos de algo que quer aparecer, mas nunca chega por completo. Ao escutar, então, se volta para o que está entre os sons — para aquilo que quase não se ouve, para o sussurro da saudade.

A obra constrói, assim, uma experiência do tempo que não é linear. É um tempo sensível, afetivo, onde passado e presente se misturam, se dobram, se atravessam. Ela se inspira em artistas como Chris Marker (*La Jetée*), Maya Deren e Tacita Dean — que tratam o tempo, a memória e o inconsciente como matéria viva. Como em *La Jetée*, aqui o tempo é espiralado, e a imagem fixa, a fotografia — ganha movimento através daquilo que a atravessa: sensações, sons, memórias. Ela pulsa. Ela resiste.

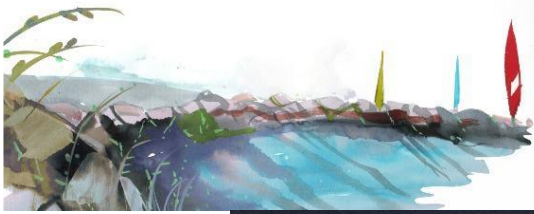


Imagem 2: Fotografias de família, 2025. Digital, 8,5cm X 10cm. Acervo pessoal.

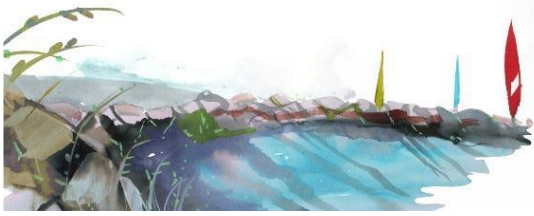
Paisagem emocional e ausência compartilhada

Mesmo partindo de uma vivência pessoal, "11 Anos" se transforma numa paisagem emocional que pode ser sentida por muitos. A pergunta que guia a obra é: quantos de nós guardamos lembranças de pessoas que nunca conhecemos? ou lembranças que inventamos, quantas memórias foram construídas mais pelas ausências do que pelas presenças? A imagem do pai a o qual não conheci, é só uma entre várias formas que essa experiência pode ter.

Mas a ausência, aqui, não é só um vazio. Ela vira também um espaço fértil, uma força que provoca criação, invenção simbólica, imaginação poética. É nessa direção que a obra se aproxima do que Judith Butler chama de "luto performativo". Para ela, o luto também é uma forma de agir no mundo, ele muda a forma como a gente vive e lida com a perda. Em "11 Anos", o luto não é só dor pelo que falta, mas também um gesto criativo: uma tentativa de dar forma ao que nunca se teve, de elaborar aquilo que não foi vivido ou aquilo que nos foi tirado.

Entre realidade e fabulação

"11 Anos" vive na fronteira entre o que é real e o que é inventado. Não há uma história definitiva nem uma verdade única para contar. Em vez disso, é uma mistura de sentimentos, imagens e sons que formam uma experiência emocional da memória. Como aquilo que nunca realmente aconteceu pode nos afetar tanto quanto o que de fato vivemos? E se quem somos inclui essas lembranças fictícias, mas que são emocionalmente reais para nós? A obra não tenta resolver essas questões, mas sim explorá-las continuamente. Como disse Roland Barthes em "A Câmara Clara", cada foto carrega um fantasma - ela mostra algo que já passou, mas que ainda persiste. Em "11 Anos", esses fantasmas são presentes: do pai, da perda, da infância, do amor e das memórias inventadas ou vividas que tentamos agarrar, mas que sempre escapam.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Imagem como gesto de permanência

"11 Anos" é, antes de tudo, um gesto de permanência. Uma tentativa de dar forma ao que escapa, de falar o que nunca foi dito, de sentir o que nunca foi vivido. É uma obra que nasce do silêncio e da ausência, mas que se transforma em linguagem, em presença, em sentimento. Misturando corpo, imagem e som, num espaço que junta arte contemporânea, performance e vida pessoal, a videoarte cria um lugar de invenção e cuidado. Um espaço onde o corpo pode lembrar, mesmo sem ter vivido. Onde o afeto pode existir, mesmo sem ter sido dividido. Onde a ausência ganha forma, se torna visível, quase palpável.

"11 Anos" é uma homenagem ao que não está. E, ao mesmo tempo, uma maneira de dizer que até o que falta pode se tornar presença. Uma presença inventada, sim mas ainda assim real, porque sentida de verdade. Uma presença criada com amor. Este trabalho busca além de uma videoarte e uma homenagem a minha família que foi carregada de muitas perdas e lutas durante a vida mas mesmo assim nunca desistiu de buscar um futuro melhor esse trabalho e uma forma de manter viva a memória daqueles que se foram e uma forma de mostrar que nunca esqueceremos e que tudo muda, as lembranças os sonhos, mas o amor permanece se reinventa



Imagem 3: Fotografias de família, 2025. Digital, 10cm X 8cm. Acervo pessoal.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

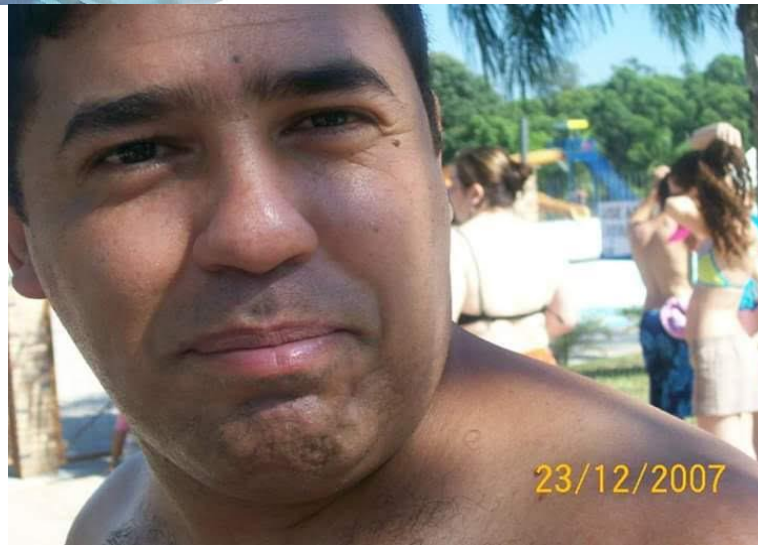


Imagem 4. Fotografias de família, 2025. Digital, 10 X 7cm. Acervo pessoal.

Referências

ALVIM, Marta. Descíamos de olhos fechados para podermos ver a subida consciencial realidade| tempo. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa (Portugal).

BARTHES, Roland; CLARA, A. Câmara. *S/Z*, tradução de Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições, v. 70, p. 200, 1999.

MARKER, Chris. *La Jetée*. Preto e Branco, som, 28'. Paris: Argos Films, 1962.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó. Edição do Kindle, 2021.

SANTOS, Marisa Oliveira. "Titularidade da memória: breves notações acerca das contribuições de Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur." *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas* (2021): 9-20.

SCHNEIDER, Rebecca. Performance remains. In: JONES, Amelia; HEATHFIELD, Adrian (Ed.). *Perform, Repeat, Record: Live Art in History*. Bristol: Intellect Books,

UNHA, Adriana Miranda da. Mapeando o Corpo: proposições práticas para a partilha do sensível nas representações do corpo em criação. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 228–240, 2016. DOI: 10.5965/1414573102272016228. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8748>. Acesso em: 15 jun. 2025.

DEMETRI, Felipe Dutra. Judith Butler: filósofa da vulnerabilidade. *Lugar Comum—Estudos de mídia, cultura e democracia*, n. 52, p. 175-187, 2018.